

# Reverendo idéias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento

Marcelo V. Roehle

Universidade Regional Integrada – Frederico Westphalen (URI)

## RESUMO

Em homenagem ao centenário de nascimento do psiquiatra e psicoterapeuta austríaco Viktor Frankl, o artigo apresenta uma síntese de sua vasta produção teórica. Frankl foi o criador da Logoterapia, chamada, por vezes, de terapia do sentido da vida em função de sua idéia básica, a de que o ser humano vive motivado, fundamentalmente, pela vontade de realizar sentido na vida; para isso, o homem deve se empenhar na realização de valores na forma de criações, vivências e atitudes. A teorização de Frankl, historicamente situada no campo fenomenológico-existencial, é uma das que mais radicalmente se opôs a qualquer reducionismo no entendimento do ser humano.

**Palavras-chave:** Logoterapia; Viktor Frankl; sentido da vida; psicologia fenomenológico-existencial.

## ABSTRACT

*Checking Victor Frankl's ideas in the year of his centenary*

In honor of the centenarian birth of the austrian psychiatrist and psychotherapist Viktor Frankl, the article presents a synthesis of his vast theoretical production. Frankl was the founder of Logotherapy, which at times is called the meaning of life's therapy according to its basic idea, which is that the human being lives motivated, basically by the will of giving life a meaning, for this reason man must pledge himself in the accomplishment of values in the form of creations, experiences and attitudes. Frankl's theorization is historically situated in the existential-phenomenological field, which is one that most radically opposes itself to any reductionism to the human being's understanding.

**Key words:** Logotherapy; Viktor Frankl; meaning of life; existential-phenomenological psychology.

## INTRODUÇÃO

O ano de 2005 marca o centenário de nascimento do psiquiatra e psicoterapeuta austríaco Viktor Emil Frankl. Nascido em Viena no dia 26 de março de 1905, Frankl está associado ao pensamento fenomenológico-existencial na psicologia. Dentre suas principais influências destacam-se a fenomenologia dos valores de Max Scheler e a analítica existencial fenomenológica de Martin Heidegger.

É importante lembrar também, que no ano de 2004 completaram-se 20 anos da presença de Viktor Frankl em Porto Alegre/RS, durante a realização do I Encontro Latino-Americano Humanístico-Existencial: Logoterapia na PUCRS. Nesta ocasião, Frankl foi homenageado com o título de Doctor Honoris Causa pela PUCRS e com a Medalha de Porto Alegre pela Prefeitura Municipal. Além disso, iniciou-se uma campanha pela indicação do Dr. Frankl ao Prêmio Nobel da Paz.

Frankl propôs como tema central para a compreensão do ser humano e a conseqüente intervenção terapêutica, a questão do sentido da vida. Em seu pensamento, a vontade de sentido (logos) é a motivação principal do homem. Daí o nome de sua teoria: Logoterapia. Frankl faleceu no dia 2 de setembro de 1997 em Viena.

A vida de Frankl é marcada pelo horror dos campos de concentração mantidos pelo governo nazista. Durante quase 3 anos, entre 1942 e 1945, Frankl foi prisioneiro dos nazistas em diferentes campos, como o de Auschwitz. Nos campos de concentração, Frankl perdeu sua mulher, seus pais e um irmão. Frankl referia-se a esse período como o *experimentum crucis* para suas idéias psicoterapêuticas. Referindo-se a esse período e a sua sobrevivência, Frankl tomou uma frase de Nietzsche, a qual repetiu em muitas de suas publicações: “quem tem *por que* viver, suporta qualquer *como*”. Frankl (1989) narra sua experiência nos campos de concentração no livro *Em busca de sentido*.

Sua trajetória intelectual se inicia em 1924 com a publicação do artigo “A origem da mímica da afirmação e da negação” no *International Journal of Psychoanalysis*, com recomendação de Freud. Por um curto período, Frankl fez parte do grupo de Adler e nos anos finais da década de 20, começou a elaborar a Logoterapia, assim denominada em 1929, conforme Etcheverry (1990; para mais informações biográficas e curriculares recomenda-se Etcheverry, 1990 e Xausa, 1986).

A seguir apresenta-se uma síntese da teoria de Frankl no que diz respeito ao entendimento do ser humano e à questão do sentido da vida.

## O HOMEM E O SENTIDO PARA FRANKL

As idéias básicas de Frankl quanto ao procedimento psicoterapêutico podem ser assim resumidas:

- crítica à teoria psiquiátrica de Freud;
- necessidade de o terapeuta estar aberto à cosmovisão do paciente;
- relacionar o trabalho psicoterapêutico com os valores;
- interpretar o tratamento psicoterapêutico como aprendizagem de responsabilidade (Etcheverry, 1990).

Frankl considera que cada pessoa tem uma vocação própria ou missão específica na vida; cada um tem uma tarefa concreta exigindo realização. Mas tal tarefa – o sentido – não é algo estático: o sentido muda de acordo com a pessoa e a situação, uma vez que a existência de cada homem apresenta um *caráter de algo único* e as situações nas quais estamos envolvidos são *irrepetíveis* (Frankl, 1986). Ao contrário do que se possa pensar, o sentido da vida não é uma especulação abstrata, é uma realização concreta no mundo.

Sentido pode ser entendido como um modo específico de dar forma à situação. Viver com sentido quer dizer, então, que o homem, com suas disposições e aptidões, suas emoções e sua vontade, se ponha a serviço da proposta de cada hora, se confronte criativamente com ela, recebendo e dando ao mesmo tempo. Sentido é uma espécie de engajamento, de “estar totalmente dedicado a uma causa” (Längle, 1992, p.13).

A descoberta do sentido de vida ocorre na forma de resposta à vida. Frankl (1993) entende que a pessoa não deveria perguntar pelo sentido, mas sim perceber-se questionada pela própria vida. Ou seja, conforme as circunstâncias se lhe apresentam, a pessoa deve responder na forma de uma ação comprometida com um sentido pessoal. Por isso, Frankl ressalta a importância da responsabilidade (habilidade para responder). Diante de sua finitude – sabendo-se mortal o homem

não pode adiar infinitamente a realização de sentido – e do caráter irrevogável de seus atos, o homem deve decidir perante que ou perante quem se julga responsável.

Para Frankl (1986) ser-homem é ser-responsável por que é ser-livre. Livre para decidir (ser que decide) o que será em face de suas possibilidades. A liberdade humana, porém, é limitada. O ser humano sempre se encontra envolvido em situações que não escolheu. Sempre já nos encontramos num determinado ambiente sociocultural, *já* apresentamos caracteres corporais específicos, *já* vivemos num determinado ponto espaço-temporal, etc. E são justamente tais limitações que nos permitem agir livremente, pois somente há liberdade frente a um *destino* ou frente a vínculos (Frankl, 1986). Não somos livres de nossas limitações, todavia temos liberdade para nos posicionar diante delas. Somos livres *para* algo e não de algo.

Conforme vai existindo, o homem vai se libertando ou transcendendo suas determinações – sejam elas biológicas, psicológicas ou sociológicas – de modo a dominá-las ou configurá-las de acordo com seus projetos. Referindo-se aos condicionamentos que o homem enfrenta, Frankl (1993) afirma que o ser humano é *autodeterminante*, porque é ele quem determina se resiste ou não a esses condicionamentos. Isso envolve escolhas que o ser humano, obrigatoriamente, faz; ainda que atue *como se* não fosse livre para decidir ou não tivesse possibilidades para escolher.

Segundo Frankl (1992) o ser humano apresenta uma *autocompreensão ontológica pré-reflexiva* que indica a orientação para o sentido. Quer dizer, a pessoa vivencia ou percebe-se relacionada a uma série de situações que lhe exigem enfrentamento (resposta) na forma de atos carregados de sentido.

Em sua busca por sentido, o homem é orientado por sua consciência, a qual Frankl (1992) chama de *órgão de sentido*. Isso porque Frankl (1992) a considera como sendo a capacidade de procurar e descobrir o sentido único de cada situação. Quando essa capacidade é realizada ocorre uma experiência intermediária entre algo como um ah! e a percepção de uma Gestalt. Contudo, conforme já mencionado, o sentido não é uma abstração, uma idéia encerrada na consciência. O órgão de sentido está sempre voltado para algo além de si mesmo, para alguma coisa que está *no-mundo*. Essa característica constitutiva do existir humano, Frankl (1993) chama *autotranscendência*. O que implica no fato de que ser homem significa, fundamentalmente, estar em relação com ou orientado para qualquer coisa diferente de si próprio (Frankl, 1989).

Para Frankl, somente quando transcende a si mesmo é que o ser humano pode realizar sua vontade de

sentido. O caminho concreto para a realização de sentido são os valores. Valores são abstratos universais-de-sentido que se apresentam como possibilidades no horizonte humano.

Kretschmer (1992) relaciona sentido e valores assim:

Sentido nós encontramos ao indagarmos para que algo serve, para o que algo é bom. Sentido da vida se nos depara no entendimento de que um valor, reconhecido como tal, nos afeta e insta ao desempenho de uma tarefa. O valor se torna, pois, sentido através do entendimento, não assumido coativamente ou obscuramente adivinhado (p. 71).

Langle (1992) afirma que a questão do sentido adquire relevância a partir de três experiências básicas do ser humano:

1. o livre-arbítrio, que permite fazer escolhas entre as possibilidades;
2. o sentimento de que não é indiferente aquilo que escolho: tomo decisões sobre valores;
3. A inconstância das situações, que mudam continuamente.

Frankl (1986) distingue três categorias de valores:

1. Criativos – dar algo ao mundo, uma tarefa, uma obra, um trabalho;
2. Vivenciais – receber algo do mundo, a experiência do amor, por exemplo;
3. De atitude – posicionar-se diante de sofrimentos inevitáveis.

A respeito dos valores de atitude, Frankl (1993) enfatiza a importância de que o ser humano posicione-se de forma a encontrar sentido nas dificuldades e apresenta o que chama de tríade trágica composta por (1) sofrimento, (2) culpa e (3) morte. Nenhuma pessoa deixa de experimentar esses aspectos da existência. O que Frankl (1993) propõe é que a pessoa adote uma posição de otimismo trágico, ou seja, otimismo ante as dificuldades (tragédias) de modo que possa transformar o sofrimento numa oportunidade para crescimento pessoal, assim como encontrar no sentimento de culpa motivos para mudar a si próprio para melhor e, por fim, fazer da finitude da existência um incentivo para a realização de ações responsáveis.

Frankl (1986) desenvolveu sua visão de homem em oposição a qualquer reducionismo, o que significa evitar a compreensão do ser humano a partir de uma dimensão inferior a sua própria. Frankl entende o homem como um ser tridimensional:

- a dimensão somática abrange os fenômenos corporais, a fisiologia humana;
- a dimensão psicológica abrange os instintos, os condicionamentos, as crenças;

- a dimensão noética (do grego nous, significando espírito) abrange todas as qualidades que diferenciam o homem dos demais animais, por isso é a dimensão genuinamente humana; aqui estão os valores, a criatividade, a livre tomada de decisões, a consciência moral, etc.

As dimensões não são estanques, pelo contrário, interpenetram-se continuamente. O ser humano é uma totalidade bio-psico-noética. Frankl, no entanto, coloca a dimensão noética num patamar superior: enquanto as dimensões somática e psicológica interagem na forma de um paralelismo psicofísico, regido pela homeostase e passível de condicionamento, a dimensão noética é incondicionável, não homeostática, interagindo com as demais na forma de um *antagonismo* psicofísico (Frankl, 1986). Segundo Frankl (1989), o homem é unidade na diversidade.

O entendimento reducionista do homem tende a ignorar a dimensão noética ou reduzi-la à dimensão psicológica.

Referindo-se às teorizações freudianas, Frankl (1992), propõe que, tal como os processos instintivo-inconscientes (dimensão psicológica), o homem apresenta fenômenos noético-inconscientes (dimensão noética). Para ele, a chamada psicologia profunda dirige-se prioritariamente ao *id* inconsciente, colocando em segundo plano o *eu* inconsciente, a pessoa propriamente dita. O *eu* (*nous*) em sua origem é inconsciente, assim como o olho que, vendo, não pode ver a si mesmo, ou seja, o eu não pode auto-observar-se (Frankl, 1992).

Contrapondo-se ao reducionismo psicodinâmico, Frankl (1986) considera que a existência se dá de maneira noodinâmica (dinamismo noético). A noodinâmica é a tensão caracteristicamente humana, a dinâmica existencial. Viver buscando redução de tensão ou homeostase opõe-se à autotranscendência humana. Isso porque a noodinâmica é a tensão que se estabelece entre o homem e o sentido, entre o ser e o dever-ser. E nela está presente a liberdade; os valores que nos atraem não o fazem de maneira irremediável (instintiva/impulsiva), podemos optar por sua realização. Podemos escolher uma ou outra possibilidade agindo no mundo, ao contrário da orientação para um equilíbrio interno instintivo.

Conforme Frankl (1992) o existir humano genuíno é responsável e não impulsionado; o ser propriamente humano não se dá junto a um *id* impulsivo, mas sim onde há um eu que decide.

O hiato entre o que se é e o que se deveria vir a ser é indispensável à saúde mental (Frankl, 1993), pois “ser homem significa ser para além de si mesmo” (Frankl, 1986, p.45). O ser humano dirige-se para o

sentido e este vai sempre à frente do ser, visto que é o *guia* do ser (Frankl, 1986). Algo como uma imagem-horizonte que sempre está a nossa frente, motivando nosso andar (Etcheverry, 1990). Sendo assim, o mundo se apresenta como um fim para o qual a existência está sempre orientada e não, na forma de um meio redutor de tensões internas. A intenção do homem não simplesmente passa pelo mundo, para ao homem retornar; a intenção é o mundo.

Como visto acima, a vontade de sentido é a motivação básica do ser humano. Tal motivação não está livre de impedimentos; a realização de sentido pode ser frustrada e então ocorre o que Frankl (1993) chama de frustração existencial. A frustração existencial não é, necessariamente, patológica; é uma manifestação humana (sadia) que pode evoluir para um quadro mórbido. Ocorrerá, então, uma neurose noogênica. Noogênica porque se origina na dimensão noética, fruto de problemas existenciais, especificamente humanos, como, por exemplo: conflitos morais, choque de valores, sentimento de falta de sentido de vida.

Para finalizar esta síntese da teoria de Viktor Frankl, veja-se sua interessante posição quanto à busca da felicidade. Para ele (1998), a felicidade não é algo que se busque ou que se persiga. A felicidade deve ser uma resultante, um efeito colateral ou um subproduto da realização de sentido na vida. Não se visa a felicidade, pois ela, por si mesma, não acontece. De acordo com Frankl (1998), o que deve ser visado é uma tarefa, uma causa ou uma pessoa. Quanto mais alguém se esquece de querer ser feliz e se dedica a

uma causa ou a outras pessoas, mais essa pessoa poderá ser feliz.

## REFERÊNCIAS

- Etcheverry, J. A. (1990). *Viktor Frankl y la logoterapia*. Buenos Aires: Almagesto.
- Frankl, V. E. (1986). *Psicoterapia e sentido da vida*. (A. de Castro, Trad.). São Paulo: Quadrante. (Originalmente publicado em 1946).
- Frankl, V. E. (1989). *Um sentido para a vida*. (V. Lapenta, Trad.). Aparecida: Santuário. (Originalmente publicado em 1978).
- Frankl, V. E. (1992). *A presença ignorada de Deus*. (H. Reinhold, Trad.). Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. (Originalmente publicado em 1948).
- Frankl, V. E. (1993). *Em busca de sentido*. (W. Schlupp; C. Aveline, Trad.). Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal.
- Frankl, V. E. (1998). Man alive: Viktor Frankl. *The International Journal of Logotherapy and Existential Analysis*, 6, 1, 81-96.
- Kretschmer, W. (1992). Valor do eu e sentido da vida. *Dar sentido à vida* (pp. 63-73). (A. Allgayer, Trad.). Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal.
- Lãngle, A. (1992). *Viver com sentido*. (H. Reinhold, Trad.). Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal.
- Xausa, I. A. de M. (1986). *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes.

Recebido em: 06/12/2004. Aceito em: 10/11/2005.

### Autor:

Marcelo Vial Roche – Psicólogo. Mestre em Psicologia.

### Endereço para correspondência:

MARCELO VIAL ROEHE  
Rua Caiapó, 120  
CEP 91900-550, Porto Alegre, RS, Brasil  
E-mail: mvroeh@fw.uri.br